



O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XII

NUMERO 317

Domingo 17 { Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta } SERIE
{ Typ. a 1,000 réis por uma serie de 4 numeros } 70.

O MEIRINHO.

Fortaleza, 17 de Fevereiro de 1884.

Completo hontem 11 annos de existencia este modesto filho da imprensa Fortalezense!

Pequeno orgão, escripto por pennas inhabéis e sustentado por uma empresa frágilissima de recursos pecuniarios, já não é pouco.

Foi a 16 de Fevereiro de 1873 que este pequeno soldado das lettras teve o prazer de cumprimentar pela vez primeira a um publico respeitavel e bondoso, que o acolheu da maneira mais benigna e cavalheira.

Tem causado admiração, e não é para menos a já não curta existencia do *Meirinho*, visto o grande numero de jornaes que tem se publicado n'esta provincia, desde a sua fundação até esta data, dos quaes poucos restam.

Não menos de 90 athletas das lettras tem surgido de nossa imprensa, desde 1873 até 1884, e apenas uns 7 ou 8 ainda têm publicidade!

Porém quantos sacrificios e trabalhos não nos ha custado a sustentação deste jornal, maxime em tempos criticos, como os que já atravessamos e actualmente vamos atravessando?!

Dizei-o e comprehendê-lo — só quem sabe o que é uma empresa typographica, que não é subvencionada pelos cofres publicos ou não recebe graça alguma do governo.

Mas estes sacrificios e estes trabalhos em vez de desanimar-nos a proseguir em nossa marcha, já tão adiantada, — antes nos estimula, e bastante — para levarmos a nossa Cruz até o cimo de nosso Golgotha.

O que mais e mais desejamos é que os nossos bons assignantes continuem a nos prestar os seus valiosos auxilios, afim de que o nosso jornalzinho vá mais e mais em progresso.

Temos consciencia de que havemos executado fiel e religiosamente o nosso programma; e para melhor prova publicamos abaixo o artigo de seu primeiro numero.

Fortaleza, 16 de Fevereiro de 1873.

Nestes ultimos mezes, uma enchente de pequenos periodicos, tem inundado a nossa capital.

Mas a falta no cumprimento das promessas estabelecidas voluntariamente no prospecto de cada um, é talvez, o que traz a morte prematura destes pequenos periodicos, especie de perilampos, que aclarão aqui e logo desaparecem para clarear acolá.

O nosso jornalzinho, porém, deejando ter uma existencia mais longa, para alcançar esta graça, que o publico é quem a concede, procurará cumprir seriamente o seu programma, que resume-se nas palavras traçadas em seu frontespicio.

O publico nunca terá que murmurar uma queixa contra as humildes pennas, que rabiscão para este periodico, porque ellas procurarão respeitar o santuario da vida privada de cada um, seja elle um libertino, um dissoluto; fracas, como são, não serão os seus conselhos e censuras, que hão de corrigir os individuos, disso estamos certos; desejam apenas recrear o publico com as suas pilherias.

Humilde desejo, dirão uns!

Pessimo gosto, dirão outros!

Porém, diremos nós, se conseguirmos desempenhar tal encargo, folgaremos e muito, porque para nós é bem ardua a tarefa — de fazer rir a quem muitas vezes não o deseja.

O publico receba com bons olhos a este pobre jornalzinho, que nada mais aspira, que a sympathia dos leitores, e a attenção e affagos das leitoras.

Se não é pouco, tambem não é muito

ALBUM DA CRITICA.

RISCOS E TRISCOS.

Ridendo dicere quid verum vitat?

Respeitabilissimos leitores!
Sem mais aquella, apartem lá os magros
ossos do nosso amigo velho, que já anda
morridão de saudades por estas
ameveis creaturinhas.

Inhór, sim.

Uma vez que aqui estou,
Mesmo por Deus o querer,
Peço licença aos leitores
P'ra alguma cousa dizer.

Prompto eu.

§

Começo por participar aos leitores —
que o nosso *Meirinho* fez anno.

É verdade.

Hontem o nosso *Beliga* entrou de véras
na casa dos 11, isto é, não no quartel do
Cafimfin, e passou para os 12.

Um jornalzinho, em nossa terra, que
chega a viver 11 annos — já é muita cou-
sa ou cousa muita.

Apesar dos diabos te levem e outras
amabilidades d'estas — elle vae furando e
zombando da canalha.

Quem não gostar do *Meirinho*
Seu odio com sigo acabe,
Ou metta os dedos no fio...
(O resto o leitor já sabe.)

§

O pandego e apstuscalhado *Zé Perei-*
ra está na porta.

Isto não é novo, é verdade; porém sem
pre é uma novidade.

Segundo as appareças — a cousa pare-
ce estar animadissima.

Pelo menos em annuncios a *pandega*
parece ser grosso.

A *quebradeira* é grande, é real; mas
para *vadiagem* nunca faltou dinheiro; e
muito principalmente para os *carnavaes*.
Lá isto diga se.

Viva o *Zé Pereira*,
Quê rapaz fogoso,
Viva a *chanfração*
N'um dia tão grandioso.

§

Por fallar em *carnaval*, leitores, lem-
brei-me do *Arraes*.

Dirão algumas de Vs. Ss. e Excs.: — já

V. vae *de bicar* do rapaz! — Porém eu lhes
responderei — que não, pois gosto até mui-
to d'elle; mas só não posso tolerar é que
elle seja *deputado*!... Não!... Isto
nunca, meu anjo!

O que vae fazer n'Assembléa uma en-
tidade escura como o *Arraes*?

Unicamente — fazer numero, ou uma
figura ridicula, ou... cousa peor, por-
que esta pobre besta não encherá uma
polegada além do *béque*.

Por desgraça dos *miranhas*

O *Arraes* é deputado!

Oh! que gentinha ruim!

Oh! que povinho safado!

§

Os *miranhas* parecem querer aniqui-
lar de uma só vez a fracção *minú*.

Inimigos pequeninos, mas rancorosos,
não pôdem ver com bons olhos a um só
Pompeu, seja este um anjo do ceu.

A remoção caprichosa do Dr. Antonio
Pompeu para o Amazonas — é a vingança
mais infame que pôde dar-se!

Que faz o Sr. Dr. Antonio Pompeu pa-
ra merecer uma tal *deportação*?

Ah! canalias de *miranhas*,

Ab! patifes — *desbragados*!

Um dia vem depois d'outro,

D'isto fiquem descontentados.

§

Segundo dizem, o menino *Julius* das
bragas está de amores novos na rua das
Fermuzuras.

Hum!... Quem pôde!

E o que teria feito o nosso *Cupido mi-*
xim da sua *quelque chose* da antiga *Ame-*
lio, aquella *impagabilidade* que tanto lhe
deu o que fazer em *Arronches* e *Maran-*
guape?

Pôz á marguem ou pôzeram-lhe na rua?

«Ah! ha dente de coelho!»

Seu *Julius*, tome *tenencia*,

Veja lá Deus por quem é!

Não ande com té, té, té,

E depois com té, té, té!

§

Hom'essa!...

Pois a empreza — *Mangela Lucci & Ca.*
— não quer enraizar a humanidade, se-
gundo disse o *Libertador*?

O programma da *tabella* é apenas uma
chama para os incautos, não?

Or'essa é bon!

Faça a cousa direita, moça, e deixe-se
de *bobage*.

Vosmincé que sempre foi
Tão por nós apreciado,
Não s'espiche por tão pouco,
Nem queira dar barrigada.

§

Seu F. Ramos, quem foram o judeus
que lhe metteram na cabeça que V. dava
para poeta?

Cuide em seus estudos e obrigações e
deixe esta mania.

Tome o meu conselho e não queira me
dar t'balho.

Seu infeliz, gelido, louco,
Tome conselho de amigo:
Deixe de dizer asneiras,
Se não quer brigar comigo.

§

No hotel do Colignac
Vi *badéja amollação*,
Uns dizem que a coisa é séria,
Outros qu' *especulação*.
Massi, isto ou é aquillo
Não é de m'a conta, não.

§

Tenho dito. Até a volta.

O Bispo.

GALERIA DO POVO.

JO'E BELLA.

(Romance à vapor.)

Jó e Bella amavam-se excessivamente. Elle amava com este amor que se diz—puro e santo; ella, porém, era traidora.

Jó teve necessidade de fazer uma viagem, na qual se demorou por alguns dias.

Quando voltou já encontrou sua fálça amada com novo amante.

Jó, vendo que estava perdido, porque sua amada lhe era perjura, cogitou um meio de toroar a vir ser amado; e não tardou muito em achal-o:

Lembrou-se de recordar-lhe certos momentos felizes de sua vida amorosa, e fez-lhe as seguintes perguntas:

—Não te lembras, Bella, d'aquella noite em que dançamos juntos, por occasião do casamento da M. I., quando me juraste amar?

—Não.

—Nem te lembras, Bella, d'aquelles cabellos e d'aquella cartilha em que me juravas por Deus—seres minha esposa?

—Não.

—Ainda te não lembras, Bella, d'aquelle bouquet de sempre-vivas que me destes, dizendo-me: que sua significação eu deveria saber?

—Não.

Jó, vendo que sua ingrata amada não se comovia, pois eram falsas todas juras por si feitas, despedio-se protestando—que seria vingado; e o foi.

Poucos dias depois soube que o famoso amante de Bella a tinha despresado por uma fôrma celebre.

Jó quando soube do caso, disse:

Não te disse,
Malaquia,
Que quando quizesse
Eu não queria?

Redempção.

C. B. J.

†

MOTTE.

Vou dar a minha rolinha,
Para a Filô amançar!

GLOZA.

Já lhe faz mal a farinha,
Enjoou sua gaiola,
P'ra ella não ser gabola
—Vou dar a minha rolinha;
Só come carne fresquinha,
Agora, para variar
... alho vou encommendar.
Logo que chegue—uma dôse,
Lá se vae a *quelque chose*
—Para a Filô amançar!

Sob.

†

OUTRO

A mulher de um democrata
Vale mais do que a rainha.

GLOZA.

O brilhante, o ouro, a prata
Têm muito valor no mundo!
E' mais que Pedro Segundo
—A mulher de um democrata!
A pobreza estima e trata
Ao mendigo ella acarinha,
Veste a nua creancinha,
A fome, a miséria acalma,
Tem grande nobreza d'alma,
—Vale mais do que a rainha.

Ceará, 26 de Janeiro de 1884.

M. L. Barros Piau.

†

OUTRO.

Quem faz Arraes deputado
Do Messiano faz—conde.

GLOZA.

E' canelha, mui safado,
E' typtorio mesmo—chato,
E' peor do que Zê Gato
—Quem faz Arraes deputado !
Um bixo tão desbriado
Só digno de puxar bond
Ou couza que rode e estronde,
Nã, è digno de um mandato !
Quem elege um capa-gato
—Do Messiano faz—conde !

Fra Diavelo.

†

OUTRO.

N'este mundo de miséria
Tudo, tudo ha de se vêr.

GLOSA.

Uma couza muito séria
Vou dizer : (não sou de graças)
Tenho visto mil desgraças
—N'este mundo de miséria !
Mas uma que má pilheria
Eu suppuz que vinha ser,
Tive de saber e crer
E fiquei mesmo pasmado :
O Arraes foi deputado !...
—Tude, tudo ha de se ver.

Luculo.

VARIEDADE.

FABULA

O velho, o rapaz e o burro.

O mundo ralha de tudo,
Tenha, ou não tenha razão,
Quero contar uma historia
Em prova desta asserção :

Partia um velho camponio
Do seu monte ao povoado,
Levava um uero, que tinha
No seu burrinho montado.

Encontra uns homens que dizem :

—Olha aquelle que tal è !
Montado o rapaz, que è forte,
E o velho tropego à pé !

Tapemos a bocca do mundo,
Disse o velho ao rapaz,
Desce do burro que eu monto,
E vem caminhando atraz.

Monta ; mas, dizer ouve :

—Que patetica tão rata !

O tauanhão no burrinho,
E o pobre pequeno a pata.

—Eu me apeio, diz, prudente

O velho de boa fé ;

Vá o burro sem carregio

E vamos ambos à pé.

Apeia-se ; e outros lhe dizem :

—Toleirões, calcando lama !

De que lhe serve o burrinho ?

Dormem com elle na cama ?

Rapaz, diz o bom do velho,

Si d'irmos à pé murmuram,

Ambos no burro montemos,

A' vêr s'inda nos censuram.

Montam ; mas ouvem d'um lado ;

—Apeiem-se, almas de breu ;

Querem matar o burrinho ?

Aposto que não è seu !

—Vamos ao chão, diz o bôzho,

Já não sei o que hei de fazer ;

O mundo esta de tal sorte,

Que se não pode entender.

E' mau se monto no burro :

Si o rapaz monta, mau è ;

Si ambos montamos, è mau :

E' mau si vamos à pé ! ! . .

De tudo nos tem ralhado ;

Agora que mais me resta ?

Peguemos no burro às costas ;

Façamos inda mais esta.

Pegam no burro, o bom do velho

Pelas mãos o ergue do chão ;

Pega-lhe o rapaz nas pernas,

E assim caminhando vão.

—Olhem dois loucos varridos,

Ouvem com grande sussurro,

Trazendo o mundo às avessas

Tornados burros do burro

O velho então para e exclama :

—Do que observo me confundo ;

Por mais que a gente se mate,

Não tapa a bocca do mundo.

Rapaz, vamos como d'antes,

Sirvão-nos estas lições :

E' mais que tolo quem dá

Ao mundo satisfações.